

A QUESTÃO DA PEDRA BONITA EM “OS SERTÕES” E EM ALGUNS ROMANCES PÓSTEROS

Bárbara Elisa POLASTRI

Edsel Rodrigues TELES

Raquel FAUSTINO

(Orientador): Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

RESUMO: O presente trabalho pretende explicitar e discutir uma importante questão presente nas obras “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, “Pedra Bonita” e “Cangaceiros”, de José Lins do Rego e “Pedra do Reino”, de Ariano Suassuna: o que foi o movimento histórico-fantástico da Pedra Bonita e como ele é contado nas obras acima. Podemos perceber que o relato, já historicamente rodeado de lendas, é tratado de maneira ainda mais maravilhosa nos romances de José Lins do Rego e Ariano Suassuna. Euclides da Cunha, por outro lado, busca conferir um estatuto científico à sua obra máxima, e, assim, trata a questão sob um viés que tenta trazer os rigores de uma análise objetiva, embasado em teorias positivistas da época. “Os Sertões” tenta reduzir o movimento a um delírio fanático dos miseráveis sertanejos, delírio que, por diferentes modos, ainda assolava os revoltosos de Canudos.

Palavras-Chave: Literatura brasileira, Pedra Bonita, História do Brasil, Messianismo, Sertão

I. Introdução

Esta é parte do trabalho final da disciplina “Literatura e suas Fontes Históricas”, ministrada pelo prof. Dr. Francisco Foot Hardman no segundo semestre de 2006, resultado do estudo de obras que serviram de fontes para o escritor Euclides da Cunha em sua obra máxima “Os Sertões – Campanha de Canudos”. Neste trabalho, focamos nossa análise nas obras “Pedra Bonita” e “Cangaceiros”, de José Lins do Rego, “Pedra do Reino”, de Ariano Suassuna, além, é claro, do clássico “Os Sertões”.

O trabalho todo conta também com uma análise das representações do sertanejo nas obras. Por questões de espaço, focamos, nesta versão, o movimento histórico-fantástico da Pedra Bonita (ou Pedra do Reino). Optamos por esta temática tanto por ser uma fonte histórica importante de Euclides da Cunha em seu livro “Os Sertões”, quanto pelo fato de ser extremamente interessante e peculiar. Ao longo do trabalho, poderemos perceber os diferentes

vieses adotados para lidar com o episódio: seja na rápida passagem pelo tema que suscita a dicotomia fé x fanatismo, em “Os Sertões”; seja na ficção que toma o movimento como ápice do fanatismo religioso nordestino, em “Pedra Bonita” e sua continuação, “Cangaceiros”; e seja na narrativa fantástica e, por vezes, insana, de Quaderna em “Pedra do Reino”.

Temos a introdução, com a breve apresentação de nossos objetivos; o item seguinte procura contextualizar e trazer à “realidade” o episódio da Pedra Bonita. Na terceira parte, mostramos como cada livro aborda o acontecimento, e trazemos também, no item IV, uma pequena conclusão.

II. História do Movimento da Pedra Bonita

Existem inúmeras versões, históricas e ficcionais, sobre o episódio da Pedra Bonita. O movimento foi de tal repercussão que não é de se espantar o número de boatos e lendas que surgiram a partir de então. Esta versão é condizente com a de Antônio Ático de Sousa Leite.

O movimento messiânico da Pedra Bonita ocorreu no sertão do Pajeú de Flores (atual município de São José do Belmonte), Pernambuco, entre os anos de 1836 e 1838.

A pregação teve início com João Antônio dos Santos, que percorria as cidades circunvizinhas afirmando que mantinha contatos em sonhos com El-Rei D. Sebastião¹. O mameluco contava que El-Rei lhe havia revelado a localização de um tesouro numa lagoa da região e que a Pedra Bonita era as torres do castelo de D. Sebastião, que se desencantaria tornando os adeptos do movimento ricos, brancos, poderosos e imortais. Para atestar a veracidade do que dizia, o profeta exibia um velho folheto português que continha uma das lendas acerca do retorno d’El-Rei.

Além disso, dois fatores contribuíam para que, já no começo, o pregador tivesse um grande número de seguidores: seu bom poder de convencimento e o fato de suas promessas irem de encontro às necessidades dos sertanejos miseráveis daquela região de Pernambuco.

Devido à crescente quantidade de seguidores, as autoridades locais se sentiram incomodadas e enviaram um missionário para dissuadir João Antônio, que então fugiu para o Sertão do Cariri.

No entanto, dois anos depois, seu cunhado, João Ferreira, retomou a pregação. E se autoproclamando “rei”, distribuiu os demais cargos da nobreza entre seus parentes e recuperou uma prática medieval na qual a primeira noite de qualquer noiva do “reino” seria consentida a ele, o rei. A poligamia passou a ser permitida e todos os atos religiosos tinham que ser presididos por um padre

¹ Monarca português que desapareceu na batalha de Alcácer-Quibir (1578).

escolhido entre eles. Os moradores do sítio eram proibidos de sair, somente uns poucos escolhidos recebiam como missão partir em busca de novos seguidores. Para trazerem mais pessoas para o movimento, muitas vezes, faziam o uso da força. Confinados no acampamento, comiam pouco e participavam de rituais onde podiam “ver” pessoalmente D. Sebastião ao ingerirem uma bebida estimulante e alucinógena.

Dia 14 de Maio de 1838 foi a data escolhida para o início dos sacrifícios. O próprio pai de João Ferreira foi o primeiro a se oferecer sua vida foi decepcionado. Muitos adultos ofereciam suas vidas e as vidas de seus filhos, seduzidos pela promessa de um reino encantado. Muito sangue foi derramado ao longo dos três dias de carnificina; homens, mulheres, crianças e cães (que ressurgiriam como dragões alados defensores de D. Sebastião...) lavaram com seu sangue a Pedra Bonita. O ar do local se tornou irrespirável devido à decomposição dos cadáveres, o que os obrigou a deslocar o acampamento para uma região mais afastada. Durante a cerimônia, José Gomes Vieira, assustado, fugiu em busca de auxílio para impedir a continuidade de tamanha insanidade. Encontrou ajuda em uma vila próxima, onde recorreu ao chefe político local. Este reuniu forças e seguiu em direção ao sítio.

No dia 17, Pedro Antônio, irmão de João Antônio, disse que havia conversado com D. Sebastião, e que este exigia o sacrifício do próprio rei. Assim, João Ferreira, contra a sua vontade, foi executado por seus seguidores. Pedro Antônio assumiu a coroa, porém seu reinado não durou mais que um dia. Ao entardecer, os adeptos do movimento retornaram em procissão, guiados pelo novo rei e dançando semi-nus. Enquanto aguardavam o desencantamento, foram surpreendidos pelo grupo de Manuel Pereira da Silva.

O confronto resultou em perdas para ambos os lados. Morreram o rei e o chefe do estacamento. Os sebastianistas sobreviventes que não fugiram, foram conduzidos à vila de Flores. As mulheres foram soltas; as crianças órfãs, encaminhadas a lares adotivos; e os homens, presos e julgados. Até o primeiro profeta, João Antônio, foi perseguido e executado.

III. Como a História é contada em cada Livro

1. “Os Sertões”

A descrição do movimento da Pedra Bonita que aparece em “Os Sertões” se dá de forma breve e superficial, uma vez que o objetivo de Euclides da Cunha era discorrer sobre Canudos. O autor a insere quando trata da religiosidade do sertanejo, logo após uma breve discussão de seus costumes religiosos, em “*Caráter Variável da Religiosidade Sertaneja:...*”. Em seguida, apresenta dois exemplos desse caráter: o primeiro, em “*... a Pedra Bonita...*”,

sobre como ele pode ser nocivo e brutal; o segundo, em "... e Monte Santo", apresenta o seu oposto: a fé pura capaz de realizar grandes feitos em favor dos fiéis.

Euclides conta que o movimento aconteceu na comarca de Pajeú, Pernambuco, em 1837. Descreve o local como um largo anfiteatro onde se eleva um bloco solitário: a Pedra Bonita, que é comparada com um púlpito gigantesco, onde o profeta pregava à população o advento do reino encantado de D. Sebastião. Para que a pedra se quebrasse era preciso o sangue de crianças, que teria uma ação "miraculosa" e traria D. Sebastião, pronto a conceder grandes riquezas aos que houvessem contribuído para o desencanto.

Euclides chama de "frêmito de nevrose" o que se passou com aquele povo, levando-os a aderir ao movimento e a oferecer suas crianças para que tivessem a honra de colaborar com o retorno do monarca português. O pregador, "um transviado", havia, portanto, encontrado meios propícios para difundir sua crença.

Comparando o fato histórico com a versão presente em "Os Sertões", observamos que Euclides, sempre tão rigoroso com a veracidade dos fatos, comete alguns deslizes ao relatar o movimento. O "bloco solitário", na verdade, são as *duas* Pedras. Tais Pedras erigem-se de uma superfície plana, e não de um "vale", ou "anfiteatro", tal como colocado na obra. Em relação ao sangue oferecido em sacrifício, o autor menciona somente a morte de crianças, omitindo que homens, mulheres e mesmo cães foram também sacrificados. Mas, como Antônio Áttico, Euclides conta que após o holocausto, era impossível permanecer no local.

2. "Pedra Bonita" e "Cangaceiros"

No romance "Pedra Bonita" – que encontra continuidade em "Cangaceiros", publicado quinze anos depois – José Lins do Rego faz emergir num amálgama de ficção e realidade histórica o fato fantástico que se deu em Pernambuco um século antes da publicação do livro (1938). Em "Cangaceiros", o fato histórico não é recontado. São feitas alusões ao movimento narrado no primeiro livro. Tais referências encontram-se presentes nas memórias de Bentinho e de sua mãe, depois que foram morar juntos na roqueira do capitão Custódio.

Apesar da nota presente na edição do livro que usamos (12^a) – "A narrativa deste romance quase nada tem de ver com a geografia e o fato histórico desenrolado em Pernambuco nos princípios do século XIX." – podemos encontrar na narrativa do livro vários pontos comuns à realidade do acontecido, como destacaremos aqui.

Narra José Lins do Rego, na voz do velho Zé Pedro, que um homem chamado Batista vem de Piancó carregando três pedrinhas, as quais diz ser uma o Pai, uma o Filho e a outra o Espírito. Além disso, clama que vem para anunciar a chegada do Filho, que não tarda e que vem no corpo de Antônio Ferreira, trazendo “tudo o que o Senhor diz que existe”. Mas Batista é levado “para os confins” pelos “malvados” e é morto.

Um dia, então, a natureza se agita na Pedra Bonita: “era o Filho que vinha chegando na carne e no corpo de Antônio Ferreira. Era o Filho que vinha sofrendo pelos homens.” Logo o local se enche de gente; gente que vem de longe, “pretos e brancos, ricos e pobres”. Antônio Ferreira fazia milagres; curava gente. Mas havia um “milagre grande” a ser feito: a lagoa de sal que “estava lá longe” e na seca sumia deixando “aquele brancume por cima da terra” tinha que ser desencantada. “Daquela lagoa tinha que sair a felicidade do mundo. Daquela saía o ouro que dava para fazer a riqueza do mundo. Os pretos ficavam brancos, os doentes com saúde, as mulheres maninhas pariam meninos gêmeos, os assassinos viam os ofendidos satisfeitos, os ladrões entregavam os roubos, os cangaceiros as suas armas. Tudo viveria na felicidade, se a lagoa se desencantasse. O Filho dizia isto nas orações, gritava pra o povo de cima da Pedra grande. “E para o grande milagre o Filho precisava do sangue dos inocentes – meninos e donzelas. E “todas as donzelas teriam que parir das entranhas do Filho. Todas teriam que dar a virgindade para que a força do Filho entrasse de madre adentro e secassem as ruindades, a porcária do mundo”. E os pais davam as filhas para o ato.

Já havia mais de cinco mil pessoas no local, e não parava de chegar gente, quando, numa madrugada, Antônio Ferreira grita para o povo que é dia da nova criação do mundo e que precisa do sangue dos inocentes, do qual sairia “o mundo novo, a terra feliz”. As mães choravam e se agarravam aos seus filhos, sem querer dá-los. Então o Filho grita que veio a mando do Pai para salvar o mundo e as mulheres correm e entregam suas crianças. O líder então corta as cabeças dos meninos e banha a pedra de sangue. Na tarde do mesmo dia os urubus cobriam o céu da Pedra Bonita e o Filho chorava alto; chorava lágrimas de sangue. Seu Pai abandonara-o; o milagre não se dera. A culpa foi atribuída às mães, “infelizes e venenosas”, que choravam pelos filhos e tinham assim aborrecido a Deus. Muitas foram então degoladas pelos seguidores do Filho.

Sai da multidão um “Judas”, um Vieira, que vai contar o ocorrido às autoridades. O Filho de Deus então chama o povo, “prevendo” que iam todos morrer porque vinham atrás deles, e saem cantando pela caatinga; o Filho usando uma coroa de mato verde. Deparam-se com a tropa e o Filho é morto, “varado de bala, com o corpo sangrando, com cem punhais no coração”. Além do líder, mais de quinhentas pessoas foram mortas. O resto fugiu.

“O corpo do Filho de Deus foi levado pelos devotos. Disseram que ele cheirava como um pé de roseira. E tudo se acabou como no dia do juízo”.

3. “Pedra do Reino”

O título completo do livro escrito por Ariano Suassuna é “Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta”, extenso em alusão e homenagem aos folhetos de cordel. Conta a história de Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, o “intelectual metido a cavaleiro” que narra suas desventuras na Vila de Taperoá. O protagonista começa o romance preso, condenado por se envolver de alguma forma no assassinato do padrinho e na chegada do Rapaz do Cavalo Branco, que, segundo o Juiz-Corregedor, tem ligação com os comunistas da Revolução de 1930. A partir daí, o narrador-personagem conta suas histórias, na reprodução do interrogatório que respondeu ao Juiz e que o levou à prisão. Passa pela sua infância e, principalmente, pelas influências de seus professores e mentores Samuel Wan D’Ernes (“branco-fidalgo, católico da Direita”) e Clemente Hará (“negro-tapuia, sociólogo de Esquerda”), da literatura de cordel que estudou, das histórias de cavalaria e de seu sangue “real”, herdado por parte de mãe e de pai (Garcia-Barretos e Ferreira-Quadernas, respectivamente). Desta última fazem parte os “reis” que subiram ao trono do Império do Brasil na Pedra do Reino. Todo o depoimento é permeado pela “loucura racional” de Quaderna.

A Pedra do Reino é um romance que busca unir a realidade da pobreza do sertão ao mundo fantástico e mítico do sertanejo e suas histórias de cavalaria, reis e mistérios. Não é à toa, portanto, que Ariano Suassuna busca conciliar o real e a ficção, utilizando a voz de escritores renomados (como Joaquim Nabuco) junto à fantasia por ele inventada, o que João Camilo de Oliveira Torres chamou de “transrealismo”.

A ascendência real de Dom Pedro Quaderna é uma dessas mesclas. Em “Pedra do Reino”, Quaderna é neto de Dom João Ferreira-Quaderna, O Execrável, rei da Pedra do Reino que comandou o massacre de 1838. Suassuna cria uma genealogia para seu personagem por dois artifícios: primeiro, diz que o rei João Ferreira-Quaderna quase não usava seu último sobrenome, o que justifica o fato deste não aparecer nos registros históricos; segundo, dá seqüência à Casa dos Quadernas a partir do filho da Princesa Isabel, uma das esposas d’O Execrável. Grávida de nove meses, a mulher dá a luz no momento de sua degola. Seu filho sobrevive e é criado pelos habitantes das cidades próximas, assim como as crianças sobreviventes do episódio. É o pai de D. Pedro Quaderna. Assim, estava criada a ponte ficcional entre a história da Pedra do Reino e a “estirpe real dos Quadernas”.

Com esse artifício, Suassuna conta a história sob óptica mais popular, dando voz às pessoas que tinham a esperança de melhorar suas condições de vida, unidas sob a promessa de um tesouro, e do retorno do poderoso rei D. Sebastião. Além disso, note-se que, para Quaderna, o episódio da Pedra Bonita foi apenas um evento dentro dos episódios que culminarão, certamente, no retorno de D. Sebastião, ou seja, foi um evento que dá continuidade ao mito do sebastianismo (por isso o personagem quer dar prosseguimento ao seu “Império”, e se auto-proclama rei da Pedra do Reino um século após os acontecimentos).

IV. Conclusão

Pudemos perceber que o relato, já historicamente rodeado de lendas, é tratado de maneira ainda mais maravilhosa nos romances de José Lins do Rego e Ariano Suassuna. Com o intuito de mostrar como esse mito influencia a vida e os costumes dos sertanejos, os autores se preocupam em reviver, literariamente, o acontecimento histórico, incluindo nele a visão dos próprios sertanejos, com suas crenças e valores. Euclides da Cunha, por outro lado, busca conferir um estatuto científico à sua obra máxima, e, assim, trata a questão sob um viés que tenta trazer os rigores de uma análise objetiva, embasado em teorias positivistas da época. Isso, às vezes, cria até mesmo um discurso preconceituoso, mas que, em nenhum momento, retira o valor da obra. “Os Sertões” tenta reduzir o movimento a um delírio fanático dos miseráveis sertanejos, delírio que, por diferentes modos, ainda assolava os revoltosos de Canudos; tal representação do movimento vai de encontro aos propósitos do escritor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CUNHA, E. (2001) “*Os Sertões – Campanha de Canudos*”. Ed. Ateliê, SP.
- REGO, J. L. (1992) “*Pedra Bonita*”. Ed. José Olympio, RJ.
- REGO, J. L. (1992). “*Cangaceiros*”. Ed. José Olympio, RJ.
- SUASSUNA, A. V. (1972) “*Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*”. Ed. José Olympio, RJ
- MOURA, D. C. (2002) “*Entre duas Pedras: Catolé (um estudo acerca das contribuições trazidas pelos textos históricos sobre Pedra Bonita e pelos folhetos de cordel nordestinos na composição de ‘Pedra do Reino’, de Ariano Suassuna*”. Tese de Mestrado apresentada à área de Literatura Brasileira do Depto. de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas, 2002.
- LEITE, A. A. S. (1903) “Memória sobre a Pedra Bonita ou Reino Encantado na Comarca de Villa Bella – Província de Pernambuco”. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, nº 60, p. 219-249.